

Teoria feminista do século XXI: as vozes das outras mulheres¹

Lídia Puigvert

Laura Ruíz

1

Introdução

Através da nossa colaboração nas associações de mulheres e centros de educação de adultos orientados de forma dialógica, temos tido a oportunidade de partilhar ideias, opiniões e argumentos, com mulheres sem estudos universitários. Muitas das mulheres com quem colaboramos em associações dialógicas estão também a participar em centros de educação de adultos. Graças a um diálogo igualitário, aprendemos umas com as outras. Umhas possuem uma rica cultura popular, outras têm o privilégio do saber académico. É necessário reconhecer a riqueza destes diferentes saberes e os contributos que todas podemos dar com a nossa experiência, ao mesmo tempo que se constroem pontes que permitem o acesso à cultura académica.

Neste artigo recolhe-se a proposta de um novo feminismo, "o feminismo dialógico", baseado no diálogo entre mulheres de diferentes culturas, idades, níveis académicos, orientação sexual, etc., com o objectivo de avançar na luta

pela superação das desigualdades sociais existentes. Neste texto argumenta-se que, na construção da teoria feminista do século XXI, se torna imprescindível reconhecer e incluir os contributos das “Outras mulheres”² – a grande maioria das mulheres- cujas vozes infelizmente ficaram silenciadas. Este artigo é, não das mulheres que, como nós, têm a possibilidade de ser escutadas em foros públicos e debates teóricos, mas das mulheres que normalmente são excluídas destes espaços porque lhes falta um nível de estudos adequado para apresentarem contributos com interesse. A proposta de feminismo dialógico está a ser desenvolvida através do trabalho conjunto entre mulheres académicas e não-académicas. Na nossa análise focamos os centros de educação dialógica de adultos, por lá acorrerem muitas “Outras mulheres” e se tratarem assuntos de mulheres. O objectivo é explicar qual é a relação que se observa entre trabalhar de forma dialógica e os contributos que as “Outras mulheres” podem trazer para a teoria feminista com a sua participação nestes centros de educação de adultos.

O acesso à actual sociedade da informação leva-nos a prestar atenção às aprendizagens que realizamos em diferentes contextos das nossas vidas. O reconhecimento das habilidades que todas as pessoas possuem torna-se imprescindível e necessário para podermos estabelecer um diálogo igualitário entre mulheres com identidades muito diferentes e experiências muito diversas em contextos académicos e não-académicos. O feminismo dialógico torna possível a união das vozes de todas as mulheres para atingir um verdadeiro impacto no avanço para sociedades mais democráticas.

2

Do feminismo de uma elite ao feminismo universal

Não se pode negar as importantes transformações sociais que se produziram durante o século XX graças ao movimento feminista. As conquistas atingidas no caminho para a igualdade entre homens e mulheres, nas diferentes esferas da vida pública, como o acesso à educação, ao mercado de trabalho e aos

órgãos de decisão política, têm vindo a pôr em questão as teorias estruturalistas que negam a agência humana. Estas aparecem como uma desastrosa tentativa de uma minoria para manter a sua situação de privilégio.

Actualmente, o movimento feminista assume um papel fundamental na democratização das nossas sociedades, se bem que este movimento tenha de dar um passo adiante e superar o elitismo académico que tem marcado a teoria feminista. O feminismo dialógico é a aposta num feminismo universal, a luta pela igualdade de oportunidades de todas as mulheres respeitando as suas diferentes identidades e experiências. Os anseios das “Outras mulheres” são precisamente os que mostram que o feminismo tem de ser coisa de todas e não apenas de uma elite académica.

Com “Outras mulheres” faz-se referência às mulheres sem estudos universitários. Através deste conceito, estas mulheres reivindicam sair da situação de invisibilidade e exclusão em que se encontram, tornando explícitas as suas preocupações, com frequência esquecidas, assim como os importantes contributos que podem trazer para a teoria feminista. Pode-se objectar o poder excludente de criar categorias e a divisão que produz no movimento feminista; é possível escutar afirmações como “todas somos mulheres”. Não obstante, o que permite às “Outras mulheres” lutar por uma igualdade de condições é mostrar a situação desigual em que se encontram, reafirmando a sua identidade, as suas aspirações e preocupações.

A exclusão das “Outras mulheres” tem-se produzido devido à prioridade dada aos saberes académicos, próprios da cultura dominante. A grande maioria das feministas e mulheres académicas colocam entraves à participação das outras mulheres que não possuem um curso universitário. Assim, esquecem-se as capacidades que estas têm desenvolvido em contextos não-académicos, e as lutas que têm travado nas suas vidas diárias. Muitas “Outras mulheres” não se reconhecem como feministas, sendo, no entanto, mais feministas e coerentes nas suas práticas diárias do que muitas outras que se declaram feministas e que, depois de conseguirem aceder a uma educação superior e a um bom posto de trabalho, se esquecem de reivindicar os mesmos direitos para as empregadas da limpeza que trabalham para elas, e que, em numerosas ocasiões, estão numa situação laboral irregular.

As aprendizagens realizadas em contextos não-formais e informais estão a ganhar cada vez maior importância na actual sociedade da informação. Relativamente a esta tendência e para dominar os requisitos da sociedade da informação, dá-se prioridade a investigações centradas na descoberta do valor dos saberes não-académicos. No CREA, Centro de Investigação Social e Educativa da Universidade de Barcelona, incide-se na importância de transferir habilidades e competências de contextos não-académicos para académicos e vice-versa, assim como no desenvolvimento de novas habilidades e competências através das destrezas comunicativas³. Estas pesquisas apontam para a importância de acabar com as “teorias de défices” (Flecha, 1991) que têm predominado na educação de adultos, e que não provocam outra coisa senão limitar o desenvolvimento das capacidades que todas as pessoas possuem.

3

O feminismo dialógico: igualdade da diferença

O feminismo tem seguido diferentes tendências ao longo do século XX, podendo-se distinguir entre feminismo da igualdade e feminismo da diferença.

O feminismo da igualdade, próprio da primeira modernidade, procurava a equiparação de homens e mulheres no acesso à educação e à esfera pública, bem como a independência económica. O valor de reivindicar a igualdade deve ser destacado, porque é precisamente o que permite construir sociedades mais democráticas. Mas esta igualdade, por vezes, foi mal interpretada no sentido de procurar uma homogeneização dentro do conjunto de mulheres que não dava lugar às diferenças individuais ou culturais. Com base nesta perspectiva de feminismo, algumas educadoras em centros de educação de adultos que se consideravam emancipadas, levaram a cabo uma missão de consciencialização das suas alunas, considerando o seu modelo como o único a seguir para se libertarem. Isto fez com que muitas mulheres não se identificassem como feministas.

Perante a crise do movimento feminista da modernidade, emergiu a corrente pós-moderna, em que se situa o feminismo da diferença. Esta tendência, centrada em sublinhar as diferenças, esqueceu toda a luta pela igualdade e, com isto, deixou de ter sentido o clamor pela transformação social. Com esta acérrima defesa dos diferentes estilos de vida, qualquer acção que visasse estabelecer direitos comuns para todas foi vista como uma intromissão. Estes discursos excluíram valores como o da solidariedade.

A alternativa que estamos a desenvolver nos centros dialógicos de educação de adultos, através do trabalho conjunto entre mulheres académicas e não-académicas, para sair da crise do feminismo da modernidade, é o feminismo dialógico. Esta nova perspectiva crítica advoga a radicalização da democracia, numa aposta pela capacidade de acção e reflexão de todas as pessoas. É precisamente através do diálogo igualitário que é possível incluir as reivindicações de todas as mulheres no feminismo do século XXI, sem distinções de classe social, nível de estudos, idade ou identidade cultural.

Eu pensava que não era feminista. Quando ouvia as feministas radicais..., pensando e bem, creio que sou feminista desde que nasci... quando jovem havia coisas de que não gostava... mas eu não sabia que isso era ser feminista. Desde que estou em todo este movimento de transformação, penso que fui sempre feminista (Participante em Centros de Educação de Adultos)

Na passagem da sociedade industrial para a sociedade da informação têm-se levado a cabo importantes mudanças; são precisamente os movimentos sociais e as/os intelectuais comprometidos que estão a liderar estas transformações sociais. Nesta nova sociedade põe-se em relevo a importância do diálogo nas práticas do quotidiano. O diálogo forma uma parte cada vez mais importante da nossa participação nas diferentes esferas das nossas vidas, desde a vida pública até às nossas relações na esfera privada. O CREA tem teorizado a respeito deste movimento dialógico que estamos a desenvolver e sobre as enormes potencialidades que possui (Flecha, Gómez & Puigvert, 2001).

Perante uma sociedade cada vez mais dialógica, é necessário um feminismo baseado no diálogo que fomente a solidariedade entre todas as mulheres. É

precisamente através da aprendizagem dialógica (Flecha, 2000) que muitas “Outras mulheres” estão a levar a cabo importantes processos de transformação. Observamos como mulheres que começaram a ler e escrever em centros de educação de adultos organizados de forma democrática, estão agora a discutir literatura clássica em espaços académicos, junto a mulheres universitárias, liderando reivindicações para a melhoria das suas comunidades e exigindo relações mais igualitárias nas suas famílias. As “Outras mulheres” estão a equacionar a necessidade de um movimento feminista que inclua as suas vozes, mostrando as suas capacidades para contribuir com argumentos e experiências para a teoria feminista, que reforçam a luta contra as desigualdades de género.

4

Princípios do feminismo dialógico

Devido à nossa colaboração em centros de educação de adultos e ao nosso trabalho de investigação no CREA, preocupamo-nos muito com a qualidade da educação. Partimos do princípio que, através de uma educação de qualidade, é possível superar a situação de exclusão que determinados grupos sofrem. Tivemos a oportunidade de comprovar que os centros de educação organizados de forma democrática e com base nos princípios da aprendizagem dialógica (Flecha, 2000) potenciam a implicação de todas as pessoas, maximizam as aprendizagens e estimulam a transformação. O feminismo dialógico desenvolve os sete princípios da aprendizagem dialógica: diálogo igualitário, inteligência cultural, transformação, dimensão instrumental da aprendizagem, criação de sentido, solidariedade e igualdade nas diferenças.

1

Da imposição ao diálogo igualitário

As mulheres que participam em centros de educação dialógica de adultos exigem que os acordos se estabeleçam através de um diálogo igualitário em

que todas possam participar argumentando as suas ideias e opiniões. Um diálogo é igualitário se valorizar os contributos em função da força dos argumentos, sem ter em conta a posição de poder ou hierárquica de quem os apresenta.

As mulheres não-académicas que começaram a participar em centros de educação de adultos demonstram às suas companheiras académicas que conseguem participar em foros universitários trazendo valiosos contributos. Desta forma, estão a contribuir para acabar com os entraves que se têm construído no mundo académico em relação à participação de mulheres com níveis elementares de formação. Através do diálogo igualitário, mulheres de diferentes níveis académicos podem contribuir e construir conjuntamente uma teoria feminista que inclua as vozes das diferentes mulheres.

II

Capacidades universais: inteligência cultural

Todas as pessoas possuem capacidades, todas são culturalmente inteligentes; no entanto, nem todas as capacidades têm sido valorizadas da mesma forma. Algumas pessoas têm desenvolvido as suas habilidades e competências em contextos académicos, outras em esferas não-académicas. Isto pode levar a que uma pessoa sem estudos superiores seja uma magnífica oradora no seu âmbito de actividade normal e, no entanto, tenha dificuldades em expressar-se numa aula. Possui a capacidade, mas é o contexto que condiciona a sua realização. Partir das capacidades é a base para maximizar as aprendizagens. São precisamente as destrezas comunicativas que nos permitem transferir habilidades de um contexto para outro e potenciar o desenvolvimento de novas aptidões.

Através de práticas, como as tertúlias literárias, vemos como mulheres que começam a frequentar aulas de alfabetização se convertem em leitoras apaixonadas de obras de literatura clássica, como Kafka, Safo de Lesbo ou Joyce (Soler, 2001). Entre elas, escolhem um livro e comentam o seu significado, com o compromisso de que cada participante ressalte as partes do texto que mais impacto lhe causou. Ao lerem o mesmo livro conseguem uma visão muito mais ampla da obra, devido ao facto de as interpretações que

realizam serem diferentes e a sua partilha facilitar a percepção das mesmas. As pessoas procuram ligações com a sua experiência particular, ao mesmo tempo que, com frequência, procuram informação adicional sobre o autor e a época histórica. Experiências como as tertúlias literárias são uma aposta nas capacidades que todas as pessoas possuem.

As mulheres do povo, que participam em centros de educação dialógica de adultos, reivindicam que as suas habilidades e competências sejam valorizadas pelas mulheres académicas. Elas têm muitos contributos a dar à teoria feminista, se bem que o seu saber tenha sido considerado um saber menor.

Nós temos conhecimentos, mas não tivemos a oportunidade de termos sido levadas em conta. O que teria sido uma coisa linda, não é?
(Participante em Centros de Educação de Adultos)

III

Transformações pessoais e sociais

Participar em espaços de aprendizagem dialógica provoca enormes transformações pessoais e sociais. A auto-estima das mulheres cresce quando a partir do centro de educação de adultos se aposta nas suas capacidades. Muitas mulheres começam a exigir a sua valorização nas diferentes esferas em que participam. Deste modo, produzem-se importantes transformações pessoais, nas relações no lar, assim como transformações sociais ao começarem a participar em associações do próprio bairro. As transformações de as "Outras Mulheres" que são o sujeito, rompem com a ideia de que o sistema educativo reproduz as desigualdades sociais. Tal como Paulo Freire afirma, "não somos seres de adaptação mas de transformação" (Freire, 1997:26).

Rosa, uma mulher do povo que começou a ler e escrever num centro de educação dialógica de adultos, licenciou-se em Psicologia, trabalha como psicóloga e está a preparar o seu doutoramento. Mulheres como Rosa, a estudar na universidade sendo mãe e dona de casa, mostram que a transformação não só é possível como é uma realidade.

IV

Dimensão instrumental da aprendizagem

Em contextos mais conservadores há a tendência para confrontar a aprendizagem instrumental e a aprendizagem dialógica, argumentando-se que potenciar um diálogo excessivo nas aulas provoca um retrocesso na aprendizagem instrumental que nelas desenvolve. Isto soma-se às teorias pouco científicas que tentam demonstrar que, em certas idades, a aprendizagem instrumental não é possível.

Pelo contrário, investigações recentes mostram que o diálogo e a reflexão em grupo potenciam enormemente a aprendizagem instrumental (CREA, 1995-1998), a qual, na actual sociedade da informação, passa a ser imprescindível para sair da situação de exclusão social em que se encontram determinados sectores. Através da aprendizagem dialógica é possível aprofundar mais os temas abordados, ao mesmo tempo que se criam conexões com as vidas quotidianas das mulheres que nela participam. Não existe uma separação entre conhecimentos e sentimentos.

As mulheres que participam deste tipo de aprendizagens procuram romper as barreiras entre a esfera privada e a pública, exigindo em ambas a necessidade de relações igualitárias baseadas no diálogo. Muitas "Outras mulheres" mostram-nos a necessidade de uma coerência entre estas duas esferas, coerência que muitas feministas, defensoras da libertação da mulher e que, paradoxalmente, se submetem a relações de poder dentro da esfera privada, não têm evidenciado.

V

Criação de sentido através da reflexão conjunta

A criação de novos significados nas vidas das mulheres é o que potencia as transformações pessoais e sociais. Fomenta-se a criação de sentido nos centros de educação de adultos, quando as aprendizagens realizadas dentro da aula têm uma conexão com a vida quotidiana das participantes. Esta conexão emerge graças à reflexão conjunta. Através de um diálogo igualitário,

as mulheres enriquecem-se com os contributos das suas companheiras. É a partir desta reflexão conjunta que as mulheres participantes elaboram e mudam o sentido do feminismo, dotando-o de um novo sentido.

Ana, participante numa escola de educação de adultos, começa a reivindicar tempo para ela própria, para ir ao cinema, ao teatro ou mesmo à rua para conversar com as amigas. Até ao momento tinha dedicado todo o seu tempo a cuidar da sua família. Reclamar estes novos espaços fora do lar provocou brigas entre Ana e os seus familiares, que demoraram a compreender que a sua esposa ou mãe quisesse partilhar novas inquietações com as suas amigas. Contudo, foram precisamente os debates no centro de educação de adultos que animaram Ana a continuar a reivindicar os seus direitos na esfera privada e a participar em novas actividades.

VI

Fomentar a solidariedade

A solidariedade entre mulheres é fundamental na luta pela transformação das desigualdades nas relações de género. É possível observar os fortes vínculos de solidariedade entre mulheres nos centros de educação de adultos. É graças a esta solidariedade e ajuda que muitas mulheres recuperam a confiança em si próprias, tanto na sua capacidade para aprender quanto nas suas possibilidades para transformar as suas relações no lar e em outras esferas da vida pública.

As “Outras mulheres” estão a contribuir, com as suas práticas diárias, para a importância da solidariedade na construção de um novo feminismo que inclua as vozes de todas as mulheres. As “Outras mulheres” ensinam-nos que o valor da solidariedade que defendem difere em grande medida do assistencialismo de muitas acções que a elas são dirigidas. Para elas, solidariedade significa a aposta nas capacidades de todas as companheiras para a transformação pessoal e social. É por isto que as “Outras mulheres” trazem para o feminismo a necessidade de fomentar a autonomia através da solidariedade entre mulheres, evitando a dependência nos “especialistas”.

As mulheres que lutam para defender os seus direitos em contextos privilegiados devem solidarizar-se com todas as mulheres e situações de injustiça (Participante do Grupo de Mulheres, Federação de Associações Culturais e Educativas de Adultos)

VII

Dar prioridade à igualdade, respeitando as diferenças

A luta pela igualdade de oportunidades é o objectivo principal do feminismo dialógico. Contudo, esta luta pela igualdade afasta-se das tentativas homogeneizadoras do feminismo tradicional. As diferentes identidades são respeitadas, valorizando-se os diferentes contributos que cada uma, com a sua experiência e cultura, pode dar. As “Outras mulheres” reivindicam a necessidade de basear o feminismo na igualdade de diferenças, isto é, no igual direito de serem diferentes. Defendem a igualdade de oportunidades sem discriminações por razões de idade, de etnia ou cultura, orientação sexual ou nível académico. Mulheres com identidades muito diferentes partilham espaços de diálogo nos centros de educação de adultos, respeitando-se mutuamente e aprendendo umas com as outras.

Exemplo disto é o trabalho que se realiza na associação cigana Drom Kotar Mestipen (Caminho de Liberdade), resultante do diálogo entre mulheres de idades e níveis culturais distintos, ciganas e não-ciganas. O objectivo desta associação é a luta pela igualdade entre homens e mulheres dentro da comunidade cigana, assim como a colaboração entre mulheres de diferentes culturas. Segundo as próprias palavras de Emília, mulher cigana não-académica, presidente da associação: “Vamos transformar a sociedade por meio da palavra. Queremos ser escutadas, por isso erguemos a nossa voz tantas vezes silenciada.”(Nevipens Romani, 2001)

5

Projeção internacional do feminismo dialógico

É importante que as vozes das “Outras Mulheres” cheguem aos espaços de debate nos quais se cria a teoria feminista. Pela primeira vez na história do feminismo, mulheres académicas e não-académicas dialogaram de forma igualitária sobre como querem que seja o feminismo do futuro. As jornadas “Mudança Educativa e Social III: Mulheres e Transformações sociais”⁴, que se realizaram no Parque Científico de Barcelona, foram um espaço de debate entre mulheres não-académicas e feministas com reconhecimento internacional, como Judith Butler, Elisabeth Beck-Gernsheim e Lidia Puigvert.

Nestas jornadas tivemos a oportunidade de liderar a mudança dialógica do feminismo do século XXI. A prioridade destas conferências foi a troca de ideias e reflexões entre mulheres com experiências muito diversas, dando protagonismo às mulheres cujas vozes têm sido silenciadas na teoria feminista por não pertencerem à cultura privilegiada. Mulheres do povo transmitiram a sua forma de ver e viver o feminismo, assim como as suas exigências para acabar com as desigualdades sociais que sofrem. Relewa-se o importante contributo da aprendizagem dialógica na construção de um novo feminismo mais inclusivo. Feministas académicas manifestaram o impacto deste encontro nas suas vidas e nos seus trabalhos, e, neste sentido, Judith Butler afirmou que se sentia “profundamente sensibilizada e transformada” e acrescentou que esta fora “a conferência com mais sucesso de todas as que tenho assistido; marca um ponto culminante” (Ayén, 2001).

Foi emocionante poder ouvir as vivências e inquietações de mulheres do povo, como no caso de Estrella, que da mesa de comunicações leu o testemunho de uma companheira que não pôde participar, sobretudo se considerarmos que ela estava diante de um público maioritariamente universitário e que aprendera a ler apenas dois anos atrás. As “Outras mulheres” deixaram patente nos seus testemunhos que não querem as suas vozes substituídas, reclamando serem elas as suas próprias porta-vozes. A solidariedade é um dos valores que as mulheres do povo reivindicam para o feminismo, na luta conjunta pela transformação social, na superação das desigualdades por razões de género.

Bibliografía

- Arenal, C. (1892). "La educación de la mujer". *Boletín de la Institución Libre de Enseñanza*, n.º 377. Madrid.
- Ayén, X. (2001). "El feminismo de las marujas. Emigrantes, amas de casa y empleadas del hogar piden voz en el movimiento", *La Vanguardia*, 25 de Outubro, p. 41.
- Beck-Gernsheim, E.; Butler, J. & Puigvert, L. (2001). *Mujeres y transformaciones sociales*. Barcelona: El Roure.
- Centro de Investigación Social y Educativa (CREA). (1998-2000). *MAR, Mujer y arte contemporáneo*. Dirección General XXII. Comisión Europea.
- Centro de Investigación Social y Educativa (CREA) (1995-1998). *Habilidades comunicativas y desarrollo social*. DGICIT, Dirección General de Investigación Científica y Técnica. Madrid.
- Centro de Investigación Social y Educativa (CREA). (1994-1997). *Participación y no participación en la formación de personas adultas*. UNESCO-CIDE. Generalitat de Catalunya.
- De Botton, L. (2000). *Identidad árabe y mujer desde la igualdad de diferencias*. VIII Conferencia de Sociología de la Educación. Madrid: Universidad Complutense de Madrid.
- Drom Kotar Mestipen (2001). *Jornadas de Trabajo: Las mujeres gitanas de Barcelona en el siglo XXI*. 30 de Novembro. Barcelona.
- FACEPA (1999). *Declaration of Rights of Adults in Education*. European Commission DGXII, Socrates Program.
- Flecha, R. (1991). "Desarrollo curricular de la educación de las personas adultas en el marco de la reforma de la enseñanza". *Materiales para la Educación de Adultos*. Janeiro 1991, n.º 1. pp.9-19. Canarias: Radio Eccla.
- Flecha, R. (2000). *Sharing words. Theory and practice of dialogic learning*. Boulder (USA): Rowman & Littlefield.
- Flecha, R. & Giroux, H. (1992). *Igualdad educativa y diferencia cultural*. Barcelona: El Roure.

- Flecha, R.; Gómez, J. & Puigvert, L. (2001). *Teoría Sociológica Contemporánea*. Barcelona: Paidós.
- Flecha, R. & Ruíz, L. (2000). *Postgrado en nuevas perspectivas en formación de personas adultas. Modulo 4: aprendizaje adulto y adultez*. Barcelona: Centro de Postgrado ICESB-Pere Tarrés URL.
- Freire, P. (1997). *A la sombra de este árbol*. Barcelona: El Roure.
- Habermas, J. (1987). *Teoría de la acción comunicativa. Vol. I. Racionalidad de la acción y racionalización social. Vol. II. Crítica de la razón funcionalista*. Madrid: Taurus.
- Merrill, B. (1999). *Gender, chance and identity: Mature women students in Universities*. Aldershot: Ashgate Publishing Ltd.
- Unión Romaní (2001). "La mujer gitana en el siglo XXI", *Nevipens Romani*, 1-15 de Dezembro, n.º 323, portada.
- Puigvert, L. (2001). *Las otras mujeres*. Barcelona: El Roure.
- Sánchez, M. (1999). «La Verneda-St. Martí: school where people dare to dream». *Harvard Educational Review*, vol. 69, n.º 3, pp. 320-335.
- Soler, M. (2001). *Dialogic Reading. A new understanding of the reading event*. Harvard University (Dissertação de doutoramento policopiada).

Notas

¹ A tradução deste texto foi realizada por Secundino Artos, do Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho, e a revisão foi efectuada por Amélia Vitória Sancho, Ana Paula Barros e Paula Guimarães, da Unidade de Educação de Adultos da mesma Universidade.

² Sinónimos de "Outras mulheres", mulheres sem estudos superiores, são "mulheres do povo" e "mulheres não-académicas".

³ Centro de Investigación Social y Educativa (CREA) (1995-1998). *Habilidades comunicativas y desarrollo social*. DGICIT, Dirección General de Investigación Científica y Técnica. Madrid.

⁴ As jornadas "Mulheres e transformações sociais" foram organizadas pelo CREA, a pedido das "Outras Mulheres" da FACEPA (Federação de Associações Culturais e Educativas de Adultos).